

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Nietzsche, o Humano, demasiado Humano e o Super-Humano

Clademir Araldi

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793>

Submetido em: 2026-04-09

Postado em: 2026-04-17 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**Nietzsche, o Humano, demasiado Humano e o Super-Humano.****Nietzsche, the Human, All Too Human and the Superhuman.**

*Clademir Luís Araldi*

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8255-2946>

Correio eletrônico: [clademir.araldi@gmail.com](mailto:clademir.araldi@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo visa a confrontar a concepção de humano, demasiado humano (*Menschliches, Allzumenschliches*) com a concepção de *super-humano* (*das Übermenschliche*) em Nietzsche, à luz de suas considerações acerca da Humanidade Futura, elaboradas desde o período intermediário. Num primeiro momento, questiono, a partir do “último homem”, quais noções de humanidade e de humanismo Nietzsche abandona. Posteriormente, analiso os sentidos afirmativos possíveis para a humanidade futura (*die zukünftige Menschlichkeit*) podem ser construídos com base na concepção de vontade de poder. Enfim, mostro que essas concepções de humano e de super-humano de Nietzsche são incompatíveis com formulações atuais do Pós-Humano (*the Posthuman*).

**Palavras-chave:** Humanidade, Homem, Super-homem, Vontade de poder, Nihilismo

**Abstract:** This article aims to compare Nietzsche’s concept of the human and the all-too-human (*Menschliches, Allzumenschliches*) with his concept of the superhuman (*das Übermenschliche*), in light of his reflections on the Future Humanity, developed from his middle period onwards. Firstly, drawing on the ‘last man’, I examine which notions of humanity and humanism Nietzsche abandons. Subsequently, I analyse the possible affirmative meanings for future humanity (*die zukünftige Menschlichkeit*) that can be constructed on the basis of the concept of the will to power. Finally, I show that Nietzsche’s concepts of the human and the superhuman are incompatible with current formulations of the Posthuman.

**Keywords:** Humanity, Man, Superhuman, Will to power, Nihilism

Desde *Humano, demasiado humano* Nietzsche valorizou os resultados da ciência moderna, que seriam recursos para o ‘fomento’ e para o ‘desenvolvimento’ contínuo da humanidade. A filosofia do espírito livre, nesse sentido, valoriza um certo “progresso” da espécie humana, em direção ao homem sábio<sup>1</sup>. O sentido histórico (em suas implicações positivistas e críticas) distingue os modernos, de modo a fornecer-lhes condições propícias na direção construtiva da “humanidade futura”.

A sabedoria jovial dos espíritos livres, com suas viagens de descoberta no passado do humano seria condição para a construção de uma nova humanidade (futura): “Assim o autoconhecimento se torna conhecimento de tudo, no tocante a tudo que passou: tal como numa outra cadeia de raciocínio, aqui apenas aludida, a autodeterminação e autoeducação dos espíritos mais livres e longividentes poderia tornar-se determinação total, no tocante a toda a humanidade futura (*zukünftiges Menschenthum*).” (VM/OS 223, KSA 2.477)

Essa seria a felicidade resultante da paixão do homem do conhecimento, que é destacada em *Aurora*, ainda no horizonte longínquo do futuro da humanidade: “A felicidade do homem que conhece aumenta a beleza do mundo e torna mais ensolarado tudo o que há; o conhecimento põe sua beleza não só em torno das coisas, mas, com o tempo, *nas* coisas; — que a humanidade futura (*die zukünftige Menschheit*) dê testemunho dessa afirmação!” (M/A 550, KSA 3.320)

A plasticidade e mutabilidade de tudo o que é humano (cf. FW/GC 46, KSA 3.411) é vista de modo positivo, como um estofa a ser moldado. Por isso, no auge da Filosofia do espírito livre (no livro IV da GC) é que Nietzsche aponta para suas mais elevadas esperanças em relação à “humanidade” futura<sup>2</sup>: ao conclamar os “homens de hoje” para que sejam elos de uma corrente de um “sentimento” que se tornará muito poderoso:

---

<sup>1</sup> Esse processo de criar o ‘homem sábio e inocente’ pressupõe o cultivo de novos hábitos por milhares de anos, de modo que Nietzsche valoriza o influxo do “conhecimento crescente” para essa tarefa transformadora da humanidade (*Menschheit*). (Cf. MA I/HH I 27, KSA 2.48)

<sup>2</sup> *Die zukünftige “Menschlichkeit”*. Nesse sentido, Bilate (2024, p. 17) afirma que a *humanitas* é compreendida por Nietzsche “como modelo cultivado do homem”, com as características de dureza, rigor e imoralidade. Concordo assim com Danilo Bilate no sentido de que o super-homem é a resposta mais madura de Nietzsche a respeito do que é o homem. Entretanto, como será investigado a seguir, o super-homem é um projeto abandonado por Nietzsche.

Quem é capaz de sentir o conjunto da história humana como *sua própria história* sente [...] toda a mágoa do herói após a batalha que nada decidiu e lhe causou ferimentos e a morte do amigo –, mas carregar, poder carregar essa enorme soma de mágoas de toda espécie e ainda ser o herói que, no romper do segundo dia de batalha, saúda a aurora e a sua fortuna, como o ser que tem um horizonte de milênios à sua frente e atrás de si, como o herdeiro de toda a nobreza do espírito passado, herdeiro com obrigações, o mais aristocrático de todos os velhos nobres e também o primogênito de uma nova aristocracia, cujos pares ainda nenhuma época viu ou sonhou: tudo isso acolher em sua alma, as coisas mais antigas e mais novas, perdas, esperanças, conquistas, vitórias da humanidade: tudo isso, afinal, ter numa só alma e reunir num só sentimento: – isso teria de resultar numa felicidade que até agora o ser humano não conheceu – a felicidade de um deus pleno de poder e amor, cheio de lágrimas e risos, [...]. Esse sentimento divino se chamaria então – humanidade! (FW/GC 337, KSA 3.564)

Mesmo com sua insatisfação com o “ser humano de hoje” (cf. FW/GC 382, KSA 3.637), Nietzsche projeta o ideal de um espírito de transbordante abundância e potência, de grande saúde, o ideal de um bem-estar humano-sobre-humano (*das Ideal eines menschlich-übermenschlichen Wohlseins*), que parecerá *inumano* (*unmenschlich*) para a maioria das pessoas. Com esse espírito tornado livre começa a grande seriedade. Começa também a tragédia<sup>3</sup>, qual seja, a tragédia em que atua Zaratustra. Uma tragédia entremeada de paródias e sátiras em relação à humanidade, aos seus últimos homens, e mesmo aos homens superiores.

Desde o período intermediário, Nietzsche emprega ‘*Menschheit*’ e ‘*Humanität*’ quase sempre em sentido crítico-negativo. Ele critica a noção de humanidade universal, com unidade forjada a partir da moral (homem bom), da metafísica (animal racional), religiosa (ser humano como ‘filho’ de Deus) e científica (da ciência como substituto da religião, no sentido do positivismo do séc. XIX). Já os termos *Menschlichkeit* e *Menschentum* têm sentido mais positivo e afirmativo, ligadas às tarefas próprias de superar os resquícios morais, religiosos e metafísicos que foram acoplados ao “terrível texto fundamental *homo natura*” (JGB/BM 230. KSA 5.169). Assim, Nietzsche permanece no horizonte da ‘humanidade’, de uma humanidade fluida, em processo, a ser construída. Pois o ser humano permanece ainda como tipo a ser construído e fixado.

---

<sup>3</sup> *Incipit tragoedia*. É o título de FW/GC 342, KSA 3.571, que apresenta Zaratustra e o começo de seu declínio.

## O desprezo pelo Humano e o anseio pelo super-Humano

Em *Humano, demasiado humano* Nietzsche desenvolve a observação psicológica, com o desafio de apresentar à “humanidade a visão cruel da mesa de dissecação psicológica e de suas pinças e bisturis” (MA I / HH I 36, KSA 2.56). Foram valiosas as observações sobre o ‘Humano e o Demasiado Humano’ já feitas pelos moralistas franceses, pelos cétricos antigos e modernos, e por Paul Rée, que aliou a tradição literário-moralista francesa com a abordagem darwinista-evolucionista. Entretanto, o ceticismo que inaugura a Filosofia do espírito livre não impede Nietzsche de manter perspectivas construtivas para a Humanidade, que nesse momento da obra é construída com laços de empatia (cf. MA I / HH I 33, KSA 2. 52). O desprezo das convenções, leis e tradições não o afasta em definitivo das preocupações humanas. O espírito livre nietzschiano incorpora os métodos científicos em seu modo de pensar e agir, esperando também depurar de seu corpo os sentimentos morais. Nessa atmosfera científica ele propõe o experimento de incorporar os resultados dos novos conhecimentos das ciências da vida. Se até agora a humanidade somente incorporou erros que se mostraram úteis para a conservação da vida (cf. FW/GC 310, KSA 3.469), o que aconteceria se a “verdade” (conhecimento científico) pudesse ser incorporada? Nietzsche esboça uma resposta logo em seguida, no livro III de *A gaia ciência*, à medida que propõe reunir muitas coisas para produzir seu pensamento científico, ou melhor, sua *gaia ciência*. Se os impulsos de duvidar, negar, aguardar, juntar atuavam como venenos quando estavam isolados, uma reunião delas num tempo vindouro seria muito auspiciosa:

Muitas hecatombes humanas ocorreram, até esses impulsos chegarem a apreender a coexistência e a se sentir que eram funções de uma força organizadora dentro de um ser humano! E como ainda está longe o tempo em que as forças artísticas e a sabedoria prática da vida se juntarão ao pensamento científico, em que se formará um sistema orgânico mais elevado, em relação ao qual o erudito, o médico, o artista e o legislador, tal como agora os conhecemos, pareceriam pobres antiguidades! (FW/GC 113, KSA 3.474)

Esse experimento foi pouco desenvolvido, mas foi canalizado para outros projetos posteriores, como a fisiologia da arte, a genealogia da moral e em alguns

aspectos da transvaloração dos valores. O espírito livre ainda é um ser humano contemplativo, em busca de uma nova sabedoria de vida, artístico-científica, em direção a uma nova humanidade (futura humanidade). Pretendo mostrar como, após o anúncio da morte de Deus (FW/GC 125, KSA 3.480), Nietzsche radicaliza seu desprezo pelos seres humanos e pela humanidade, tendo seu ápice no *Zarathustra*. Zarathustra, o arauto do super-homem, o imoralista e o mestre do eterno retorno, que decididamente despreza os humanos e seu pensamento científico, é o novo tipo ficcional humano que vincula a arte à sabedoria de forma inusitada. É também aquele que tira a consequência mais decisiva da morte de Deus: “Mortos estão todos os deuses: agora queremos que viva o super-homem” (Za I/ZA I, Da virtude dadivosa, KSA 4.97)

É chegada a “hora do grande desprezo”, anuncia Zarathustra no Prólogo (3). Até agora a humanidade (*die Menschheit*) não teve nenhum objetivo válido; desprezíveis foram as tentativas de atribuir sentido à vida humana a partir do além-mundo. O ser humano seria digno de desprezo mesmo em suas formas mais acabadas. São muitas as anotações dessa época a expressar seu nojo/desprezo pelos homens: “O homem é algo demasiado imperfeito. O amor a um homem me destruiria” (NF/FP 1882, 1[66] KSA 10.27); “meu nojo dos homens tornou-se demasiado grande –” (NF/FP 1882/83, 4[140] KSA 10.155). É justamente esse desprezo e nojo do humano que impele Nietzsche-Zarathustra para além-do-humano, como mostra esse apontamento da época do Zarathustra I: “Nosso desprezo pelo homem impele-nos para além das estrelas. Religião, metafísica enquanto sintomas de um impulso de criar o super-homem” (NF/FP 1882/83, 4[214] KSA 10.171).

O amor de Zarathustra é o amor ao distante, o amor aos que desprezam a si mesmos e se sacrificam para que o *Übermensch* viva. “Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo, o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma *transição* e um *declínio*” (*Übergang, Untergang*). (Za I / ZA I Prólogo, KSA 4.11)

Rigorosamente falando, o Humano (das *Menschliche*) não possui natureza ou identidade estável. Por isso, Nietzsche fala que ele é uma ponte, uma transição, um declínio, um animal doente, o tipo não fixado, com equilíbrio instável entre a besta e o anjo, oscilando entre o demasiado humano (mediocre, doentio, evoluindo até o “último homem”) e o super-homem (anseio ou promessa).

## O último homem e o super-homem: dois caminhos?

Os esforços para avançar no caminho em direção ao super-homem (*der Übermensch*) estão mais concentrados na obra *Assim falou Zaratustra*. A meu ver, Nietzsche não tem êxito em construir esse tipo mais elevado de ser humano, que seria tanto o sentido da Terra quanto o sentido da existência humana<sup>4</sup>, depois da morte de Deus.

A desdivinização do mundo humano tem como consequência o niilismo, a ausência total de sentido e de valores norteadores da existência. O super-homem seria aquele em condições de criar novos valores e novos sentidos – para aqueles que conseguem ir além de si mesmos.

O problema do niilismo da ausência de sentido e do valor, no entanto, permanece ainda sem solução, e Nietzsche radicaliza ainda mais seu desprezo aos seres humanos. O caminho para o último homem, no entanto, é construído com muitos empenhos e energias, no coração do humanismo e do antropocentrismo.

O mundo moderno, com seus valores da moral do rebanho (igualdade, democracia, compaixão etc.) conduziria ao nivelamento da humanidade, ao reinado do “último homem” (*der letzte Mensch*): “O primeiro movimento é incondicional: o nivelamento da humanidade, grandes formigueiros etc.” (NF/FP 1883, 7[21] KSA 10.244). Seria algo incondicional e necessário. Já estaríamos no tempo do último homem, que “tudo apequena”; ele é uma “espécie inextinguível”, de longa vida. São os homens de rebanho, no qual todos são iguais e querem o mesmo; eles inventaram a felicidade reconfortante, a distração, os trabalhos, os pequenos prazeres de cada dia (cf. Za/ZA I Prólogo 5, KSA 4.18). O problema está em Nietzsche afirmar a necessidade do outro movimento, em direção ao super-homem: “O outro movimento: meu movimento é, ao contrário, o aprofundamento de todos os opostos e abismos, o abandono da igualdade, a criação dos super-poderosos. Aquele produz o último homem. Meu movimento, o super-homem”. (NF/FP 1883, 7[21] KSA 10.244)

Nessa “modéstia” de Nietzsche, o movimento de seu pensar necessariamente guiaria ao super-homem. Mas ele coloca apenas uma premissa normativa: O ser humano é algo que *deve* ser superado. Nietzsche não possui recursos efetivos para mostrar como o homem *pode* ser superado, pois ainda não existiu nenhum super-homem: “Nunca

---

<sup>4</sup> Desenvolvi essas duas concepções de super-homem na obra *Assim falou Zaratustra*, no sentido de superar o niilismo advindo da morte de Deus. Cf. Araldi, 2004, p. 309-318.

existiram ainda super-homens. Vi os dois nus, o maior e o menor dos homens: e achei ambos ainda — demasiado humanos!” (NF/ FP 1883 10[37] KSA 10.374). Com esse questionamento, pretendo mostrar aqui que as reflexões de Nietzsche sobre o demasiado humano conduzem, *malgré lui-même*, para o domínio indefinido dos últimos homens, ou seja, para os desertos do niilismo hipermoderno.

O anseio ao *Übermensch* arrefece no próprio *Zaratustra* de Nietzsche. No *Zaratustra IV*, o maior desafio para Zaratustra é vencer sua “última tentação”: a compaixão pelos homens superiores. Mesmo os homens superiores, que sobem a montanha de Zaratustra, são dignos de desprezo. Zaratustra não se torna o *Übermensch*, e somente de modo *simbólico* se torna o mestre do eterno retorno, solitário em sua montanha, com seus simbólicos animais. Somente o super-homem, configuração mais elevada da vontade de poder, é que poderia superar o homem, ao criar novos valores, e criar-além-de si-mesmo (*über-sich-hinaus-schaffen*). Mas o super-homem tornou-se uma ficção imprestável na filosofia tardia do autor do Zaratustra.

No ZA IV, Nietzsche não tem mais nada de novo a dizer, a não ser repetir o que já disse no Prólogo de Zaratustra: “O super-homem me é caro, ele é o meu primeiro e único — e não o homem: não o próximo, não o mais pobre, não o mais sofredor, não o melhor — Oh, meus irmãos, o que posso amar no homem é que ele é uma transição e um oco” (Za/ZA IV, do Homem Superior, 3, KSA 4.357)

Mesmo despedindo-se do *Übermensch*, da tentativa fracassada de atribuir sentido à Terra e à existência humana, Nietzsche continua ansiando pelo grande redentor:

Mostrar a *necessidade* de que para um uso sempre mais econômico do homem e da humanidade, para uma “maquinaria” de interesses e produções que se “envolvem” uns aos outros sempre mais firmemente, está ligado um *contramovimento*. (...) Nele deve (*soll*) vir à luz uma espécie *mais forte*, um tipo superior, que tenha outras condições de surgimento e de conservação do que as do homem mediano. Meu conceito, meu *símbolo* para esse tipo é, como se sabe, a palavra ‘super-homem’.” (NF/FP 1887 10[17] KSA 12.462)

O mesmo movimento ocorre na *Genealogia da moral*, apontando para o horizonte de Zaratustra, ao ‘homem do futuro’, “que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse Anticristo e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada – ele tem que vir um dia” (GM/ GM II 24, KSA 5.336). Nietzsche continua a falar dos “filósofos do futuro”, dos “homens do futuro”, de uma nobreza futura. Desde alta

montanhas, em sua solidão, Zaratustra vê o deserto humano crescer. Fato é que não há indícios da vinda desse vencedor do grande nojo e do grande cansaço niilista. De modo que Nietzsche teme que o niilismo dos últimos homens se alastre, caso um ‘casamento infernal’ se consuma: “do grande nojo do homem” com “a grande compaixão pelo homem!...” (GM/GM III 14, KSA 5.371). Se essas duas pragas em algum tempo se casarem, darão à luz ao que há de mais monstruoso no mundo: “a última vontade do homem, sua vontade de nada, o niilismo” (GM/GM III 14, KSA 5.371). Parece que isso ainda não ocorreu; ironicamente, os novos movimentos da tecnologia, através da inteligência artificial e dos algoritmos podem nos precaver disso. Ao custo muito alto de perdermos a estima por nós mesmos, e as capacidades autocríticas sobre nós mesmos, pois não teremos mais um mundo interior, uma subjetividade, autonomia, valores morais ou imorais, mas somente um conjunto desconexo de impulsos, de *inputs* e *outputs*, redutíveis a algoritmos, administrados por formas de inteligência que tendem a ser onipresentes, e mais poderosas que a nossa “humana”. É inevitável pensarmos no perigoso “talvez” ligado ao domínio do tecnopoder, onde são feitos em nossa época os mais ousados experimentos de “disciplinamento e cultivo” (*Zucht und Züchtung*).

Se o super-homem (ideal inatingível, tipo irrealizável) não existe nem poderá existir, o pensador Nietzsche não tem ainda recursos para superar o niilismo do “último homem”. Teríamos somente o decaimento do humano na incapacidade de criar, de amar, de *ansiar* por algo além de si mesmo, e no extremo, a resignação na sua incapacidade para desprezar a si mesmo (cf. *Za/ZA I Prólogo, 5, KSA 4.17*); cresce também o desprezo e o nojo dos homens pelos espíritos relativamente mais livres e elevados. Ou teríamos novas formas de vida ‘humanas’, adaptadas a um mundo hostil, em que a técnica tem êxitos sempre temporários em criar ilusões de sentidos e de valores para seres vulneráveis e frágeis? Isso é possível, não há dúvida.

### **A ambiguidade da vontade de poder e a ameaça de autodestruição do humano**

Nietzsche compreende o todo do mundo como uma luta incessante entre impulsos, entre vontades de poder que ‘querem’ sempre a mais poder. As vontades de poder possuem um caráter irrestrito, antagônico e incondicional. Possuem também um caráter interpretativo, que seria próprio de todo o acontecer. O mundo é vontade de poder (*Wille zur Macht*): ela é aplicada a todos os domínios, inclusive na política e na sociedade. Mas a vontade de poder é ambígua. Expressa-se 1) de forma afirmativa, nos

mais fortes, como aumento efetivo do poder e do sentimento de poder, e 2) de forma negativa-niilista, como diminuição de poder e como “desmoronamento” das forças. É o que Müller-Lauter (2009, p. 128) chama de processo niilista de declínio, em que ainda há o predomínio de uma vontade, a vontade de nada, que é ainda uma vontade de coesão, e garante um longo domínio aos “últimos homens”, em sua configuração tecnológica atual.

A vontade de poder, nesse sentido, possui como “qualidade básica” o querer mais poder: mesmo nos fracos ela quer mais poder, pois o traço básico do querer é o *horror vacui*. Pois “o homem prefere querer o nada a não querer” (GM/GM III 1, KSA 5.339). Querer o nada é algo multifacetado: pode significar tanto a vontade de destruição de algo exterior quanto a vontade de autodestruição. Penso no domínio da tecnologia em nosso tempo, como forma preponderante da vontade de poder, afirmada pelo *homo sapiens* (*homo natura* enquanto animal de rapina). No tecnoceno, a vontade de poder não possui nenhuma hierarquia no ser, no divino, mas é puro jogo de forças, amoral, alheio às perspectivas ético-políticas humanas. Não há sentido humano hegemônico nesse jogo de forças, pois as relações de forças estão no plano imanente do mundo único em devir, em que somente importa o aumento de poder, mesmo que isso custe o fim da humanidade. O pós-humano poderia ser visto, nessa perspectiva, como novas configurações do jogo de forças imanente ao admirável mundo da tecnologia. Esse mundo pode prescindir das perspectivas e loucuras humanas. Essa é uma forma de despedirmo-nos do Humanismo, sem as esperanças demasiado humanas dos transumanistas, de buscar a imortalidade e a felicidade nos avanços da ciência. Em todo caso, que outra forma de bem-viver podemos conseguir hoje, a não ser aquela apontada por John Gray (2013, p. 14), de extrair a “maior utilidade possível da ciência e da técnica”? Mas isso não é compatível com o que Nietzsche esperava da ‘humanidade futura’.

A vontade de poder espiritual, dos nobres do futuro, dos tipos mais elevados é ainda uma tentativa humanista heroica, de elevar o que há de mais “nobre” nos humanos: seu “espírito”, sua sabedoria, sua fisiopsicologia, enfim, com os métodos ascéticos, estéticos e éticos cultivados por milênios. A tarefa de Nietzsche, assim, é um contramovimento à *décadence* e ao instinto niilista de negação:

Minha tarefa de preparar para a humanidade um instante de suprema tomada de consciência, um *grande meio-dia* em que ela olhe para trás e para adiante, em que

ela escape ao domínio do acaso e do sacerdote, e coloque a questão do por quê?, do para quê? pela primeira vez como *um todo* —, essa tarefa resulta necessariamente da compreensão de que a humanidade *não* segue por si o caminho reto, que *não* é regida divinamente, que na verdade, sob as suas mais sagradas noções de valor, foi o instinto de negação, de degeneração, o instinto de *décadence* que governou sedutoramente.” (EH/EH, Porque escrevo livros tão bons, *Aurora*, 2, KSA 6.331)

Essa é a ilusão de Nietzsche: acreditar que essa tarefa poderia ser realizada num tempo futuro distante, em que o ser humano, enfim, efetivaria suas grandes possibilidades de disciplina e cultivo (*Zucht und Züchtung*). Essa abertura de um caminho criador futuro é elaborado por Peter Sloterdijk, no sentido de uma super-humanidade:

Esse é conflito fundamental que Nietzsche postula para todo futuro: a luta entre os que criam o ser humano para ser pequeno e os que o criam para ser grande — poder-se-ia também dizer entre os humanistas e os super-humanistas, amigos do homem e amigos do “super-homem” [*Übermensch*]. O emblema do *Übermensch* não figura nas reflexões de Nietzsche como o sonho de uma rápida desinibição ou de uma evasão para a bestialidade — como julgavam nos anos 30 os maus leitores de Nietzsche calçados de botas. A expressão tampouco representa a ideia de uma criação regressiva do ser humano para um *status* anterior à época do animal doméstico ou do animal eclesiástico. Ao falar do *Übermensch*, Nietzsche tem em mente uma era muito além da atual. (Sloterdijk, 2010, p. 41)

Essa utopia de uma era muito além da atual torna-se em nosso tempo uma distopia, pois não temos mais ilusões ou esperanças de remodelar o ser humano em seu todo (a humanidade) para ser grande e nobre. Todos os saberes conquistados pela Humanidade não nos tornaram melhores ou mais livres, como disse John Gray: “Nós permanecemos aqueles que sempre fomos, e somos capazes de fazer qualquer maluquice”.<sup>5</sup>

É ainda relevante pensar, a partir de W. Müller-Lauter e de M. Heidegger, nos desdobramentos da vontade de poder em relação ao poder humano de instituir valores. A metanarrativa histórico-universal de Nietzsche acerca do niilismo seria a consumação dessa longa história das aventuras humanistas, em que, por fim, o super-homem se

---

<sup>5</sup> Gray, 2013, p. 14.

mostra como a “subjetividade acabada da vontade de poder”<sup>6</sup>. Nas décadas de 1930 e 1940, Heidegger via a “essência” do super-homem em sua determinação para assumir o “domínio completo da Terra”, numa atitude de “maquinalização completa das coisas”. A ênfase estaria na calculabilidade da vontade de poder, pois todos os esforços humanos de “disciplina e cultivo” teriam como meta a administração completa da Terra<sup>7</sup>. A partir dos anos 1950, contudo, a preocupação maior de Heidegger estaria na superação do pensamento técnico-metafísico. É nesse sentido que Müller-Lauter valoriza em Heidegger o prognóstico do domínio da essência da vontade enquanto tecnologia, algo que está presente de modo muito embrionário em Nietzsche. Em contraposição ao último homem e à visão limitada de domínio técnico, o super-homem aparece agora como a “configuração mais elevada da vontade de poder”<sup>8</sup>. Assim, o super-homem nietzschiano estaria mais associado ao “pensar perigosamente”, no amplo horizonte da planificação técnica, que constituiria o tempo do niilismo. Mas Müller-Lauter tende a concordar com Heidegger, no sentido de pensar a devastação niilista para além das duas Guerras Mundiais, como um processo irreversível que se alastra através dos meios técnicos, colocando em jogo os próprios modos humanos de ser. A tarefa que se coloca a partir de Nietzsche e desses dois pensadores alemães do século XX, é a de pensar o futuro do ser humano, em meio à aceleração crescente dos processos técnicos<sup>9</sup>.

## Conclusão

Nietzsche não possui nenhum recurso ético ou político vigoroso o bastante para suplantiar o niilismo dos últimos homens. Em última instância, a incapacidade desse tipo humano de autodesprezo se torna também uma incapacidade de autocrítica. A solução mais “cômoda” a esse problema é simplesmente relativizar a importância do niilismo em Nietzsche, tratando-o apenas como um exagero, ou uma síndrome do séc. XIX. Não foi esse o caminho que adotei neste artigo. Do mesmo modo, não considero que a crítica ao humano e ao demasiado humano em Nietzsche sejam precursoras do pós-humanismo ou do transhumanismo. A tarefa filosófica de Nietzsche é incompatível com os objetivos do pós-humanismo crítico, no sentido proposto por Vanessa Lemm (2020). Não há como fundar uma dimensão comunitária em Nietzsche, a saber, uma

---

<sup>6</sup> Müller-Lauter, 2000, p. 103.

<sup>7</sup> Müller-Lauter, 2000, pp. 104 -106.

<sup>8</sup> Müller-Lauter, 2000, p. 124.

<sup>9</sup> Müller-Lauter, 2000, p. 132.

comunidade no quadro de uma biopolítica afirmativa, como pretende Vanessa Lemm, mas sim o crescente isolamento/solidão na era da tecnociência. Rigorosamente falando, nenhum novo valor foi criado no grandioso projeto transvalorativo de Nietzsche, nem foram reavivados os velhos valores nobres greco-romanos. Mas Nietzsche é magistral em mostrar como ocorreu a ruína dos valores morais e, com eles, a corrosão niilista de *todos* os valores humanos. A maioria dos últimos homens ainda consegue viver com fragmentos ou com a ilusão desses valores. E parece que poderão continuar a viver com esses valores, remendados e “maquiados” nas versões transhumanistas do humanismo.

Podemos pensar em nossa época, o tecnoceno, como a época do predomínio dos traços destrutivos da vontade de poder, que se alastra como controle irrestrito da tecnologia sobre os processos humanos e artificiais. A tecnologia é um poder humano, desse animal outrora frágil frente à natureza, que se torna muito devastador, imprevisível e ‘inumano’ (*unmenschlich*). O mundo da tecnologia é amoral, não se detém na ameaça de destruição do Humano (que é um problema somente para os humanos, não para os pretensos *pós-humanos*), de seus valores e sentidos. Com a acelerada destruição do sujeito crítico capaz de produzir sentido, a despedida do Humanismo nas próximas gerações não será trágica, mas poderá ser até experimentada como uma libertação de grilhões ‘morais’ aprisionadores. Essa é a crítica que faço a Edgar Landgraf (2023), que tenta justificar aspectos éticos e políticos do pós-humanismo nietzschiano (de viés crítico e metodológico). Entretanto, para criticar as apropriações feitas pelos transhumanistas da filosofia de Nietzsche, é preciso recorrer aos esforços críticos tributários de certas vertentes humanistas, às quais Nietzsche ainda está ligado. Nesse sentido, Vanessa Lemm defende ainda um Hiper-Humanismo, ou seja, uma versão do Super-Humanismo, e Edgar Landgraf precisa adotar versões problemáticas de Nietzsche pelo pós-estruturalismo (Foucault, Derrida, Deleuze) para construir seu Nietzsche ‘pós-humanista’. Minha intenção aqui é mostrar que há um problema básico na apropriação de Nietzsche pelos pós-humanistas, a saber, a pressuposição do super-homem e do *homo natura* como algo incompatível com o humanismo.

A *desdivinização* (*Entgöttlichung*) do homem seria também a *desumanização* (*Entmenschlichung*) do mundo, nesse singular humanismo nietzschiano. Até esse ponto, Nietzsche não propõe somente abandonar as ilusões antropológicas, mas também despedir-se definitivamente do Humanismo moral e racionalista. Essa seria uma saída niilista, pois esvaziaria o ser humano de todos os valores e ideais dessas tradições

humanistas e das construções antropológicas do Iluminismo e do Racionalismo. Entretanto, Nietzsche não é o arauto de um pós-humano tecnológico, pois propõe uma nova humanização da natureza (*die Vermenschlichung der Natur*) e uma redivinização do mundo, através do dionisíaco, da religião do sim, como uma tentativa de dar um sentido artístico e criador à existência humana. Não é possível, contudo, afirmar o super-homem como o sentido da Terra, pois a mesma não se deixa moldar pelos “sonhos românticos” de Nietzsche. Em nosso tempo, a Terra é transformada/esgotada pelos poderes da técnica, no fundo, por um poder colossal que se torna desumano. Essa tentativa de naturalização resulta num fracasso retumbante na época da tecnociência e do colapso ambiental, à medida que o *homo natura* (JGB/BM 230, KSA 5.169) se converte no *homo sapiens*, revelando sua *hybris* destruidora e exploradora. Essa é a dinâmica e a *hybris* dos impulsos “humanos” que almejam poder. Não existem tais “instintos profundos e intactos da vida”, tais como os supunha o autor de *Além do bem e do mal*. Nem é possível, na época da revolução digital, retroverter o homem à natureza pura e autêntica dos impulsos, pois não há acessos ao “terrível texto básico *homo natura*”, como a base para interpretações mais afirmativas. É bem concreta, contudo, a violentação humana da natureza: “Ainda que medido com o metro dos antigos gregos, todo o nosso ser moderno [...] apresenta-se como pura *hybris* e impiedade. [...] *Hybris* é hoje nossa atitude para com a natureza, nossa violentação da natureza com a ajuda das máquinas e da tão irrefletida inventividade dos engenheiros e técnicos.” (GM/GM III 8, KSA 5.355)

Esse lamento pela dominação cruel da natureza é uma herança tanto do Humanismo clássico e renascentista quanto do culto romântico da natureza. O super-humano nietzschiano não é um híbrido (homem-máquina) mas é um humano que quer ir além de si, de seus limites morais, culturais, para criar novas maneiras de sentir, de agir e pensar, ainda indefinidas em nosso mundo. A falta de sentido deixará de ser um problema se nós deixarmos de ser humanos. Esse é o limiar dos “últimos homens” que, no fim, perdem a vergonha de si, a capacidade de crítica e autocrítica e os últimos resquícios humanos.

Enfim, defendo que esse caminho criador/destruidor de Nietzsche não guia ao transhumanismo, nem ao pós-humanismo crítico, mas sim à despedida parcial do humanismo. Nietzsche não suportava o mundo dos ‘demasiado humanos’, e não se cansou de ansiar para-além-do-humano, através de novos tipos de homem e da

transvaloração dos valores. Esses anseios ainda são humanos, pois ele não se despediu de todas as formas de humanismo. A tecnologia tem esse poder, e a despedida completa do humanismo poderá ocorrer como uma lenta dissolução do humano, sem tragédias ou lamentos.

A tecnociência é um sério risco à sobrevivência da humanidade, como a conhecíamos, mas permitirá uma vida ainda longa para os últimos seres humanos, felizes com suas pequenas alegrias fúteis e descartáveis. A ironia é que só conseguiremos atingir a completa desumanização do mundo à custa de nossa própria autodestruição humana.

Nietzsche é o Filósofo de nosso tempo e o Filósofo de uma Humanidade Futura, à medida que mostra a corrosão niilista dos valores, dos sentidos e de tudo o que era ‘humano’ das tradições humanista-morais ocidentais, e aponta para longínquos anseios de criação. As suas concepções de humano e de super-humano não o tornam precursor do que hoje chamamos de pós-humanismo ou transhumanismo. A resposta que ele deu em seu tempo, e que ressoa como um lamento de algo intangível no nosso tempo, consiste no direcionamento de esforços para o caminho criador do homem. Com seu *alter ego* fictício Zarathustra, ele segue o caminho solitário da criação, mas não logra criar novos valores, nem criar-além-de-si-mesmo. No máximo, o imoralista quebra velhas tábuas e começa a rabiscar em novas tábuas, sonhando com “novos valores dionisíacos”. A transvaloração de todos os valores, a partir de 1884, é a retomada desse projeto de criação, mas é um projeto embrionário, que trouxe à luz *O Anticristo*, a parte polêmico-belíca, da destruição dos velhos valores pelo Imoralista Nietzsche.

A Humanidade futura, delineada no horizonte de *A gaia ciência*, foi redimensionada por Nietzsche na grande tarefa da Transvaloração de todos os valores. Essa utopia da humanidade futura, com sua nobreza e felicidade transbordantes, se desvanece no próprio horizonte de Nietzsche, obscurecido pelo niilismo: ninguém viu, sonhou ou conheceu essa ‘humanidade futura’, e o próprio Nietzsche se detém mais em investigar o niilismo dos últimos homens, e nos últimos anos de seu pensamento se concentrou mais nos aspectos destrutivos dessa grande revolução no mundo do valor.

### **Declaração de uso de IA**

Os autores declaram utilizar ferramentas de inteligência generativa exclusivamente para apoio na revisão textual, incluindo sugestões de clareza, coesão e

organização da escrita. As decisões conceituais, metodológicas e interpretativas são de responsabilidade dos autores do artigo.

#### **Declaração de contribuição dos autores**

Nathan Pinier Golfier: conceitualização, redação do manuscrito original, redação - revisão e edição.

#### **Declaração de financiamento**

Não houve financiamento.

#### **Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa**

Os autores afirmam que os artigos publicados no periódico *Cadernos Nietzsche* procedem à revisão bibliográfica enquanto método de pesquisa que analisa e sintetiza informações existentes, especialmente, em livros e artigos científicos sobre a filosofia de Nietzsche, objetivando identificar conceitos-chave, teorias relevantes, lacunas na literatura existente e propor interpretações originais acerca do pensamento do filósofo. Os dados concernentes aos artigos constam nas referências bibliográficas no final de cada texto, detalhando a procedência em notas de fim de página, disponibilizando assim todo o material utilizado na pesquisa.

#### **Declaração sobre conflito de interesses**

Os autores declaram que os artigos publicados no periódico *Cadernos Nietzsche* não apresentam conflito de interesses de ordem pessoal, comercial, acadêmica ou financeira que possa comprometer a objetividade e a integridade dos resultados da pesquisa publicada como artigo científico no periódico.

#### **Referências**

- ARALDI, C. L. *Nihilismo, Criação, Aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos*. Col. Sendas & Veredas. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.
- BILATE, D. O nojo pelo homem e o “humanismo” nietzschiano. *Cadernos Nietzsche*, Rio de Janeiro/Recife/Santo André, v.45, n.3, p. 1-21, set./dez., 2024.
- GRAY, J. *Von Menschen und anderen Tieren. Abschied vom Humanismus*. 2. ed. Munique: DTV, 2013.
- LANDGRAF, E. *Nietzsche's Posthumanism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2023.

- LEMM, V. *Homo natura: Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020.
- MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche. Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad. por Clademir Araldi. São Paulo: Editora UNIFESP, 2009.
- MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche-Interpretationen III. Heidegger und Nietzsche*. Berlin: de Gruyter, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. W. *A genealogia da moral*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*; trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. W. *Aurora. Reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. *Digital critical edition of the complete works and letters*, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967-, ed. por Paolo D'Iorio. Nietzsche Source: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>
- NIETZSCHE, F. W. *Ecce homo. Como alguém se torna o que é*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Enviado:

16.12.2025

Aceito:

22.03.2026

Pareceristas:

Fernando de Moraes Barros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1045-4570>

João Tude de Melo Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4752-6993>

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.